

da sua receção e um público temporalmente aberto e indefinido. Importa sobretudo a sua capacidade de transcender o utilitário e imediato e de se reinscrever e mostrar indefinidamente. A obra de arte não proporciona uma experiência ética, mas tem o mérito de nos mostrar que no nosso mundo vivido nem tudo se reduz ao utilitário e ao mercantil.

O poder refigurador da arte implica que ela seja, à maneira da mimese, em sentido aristotélico, uma inovação semântica ou capaz de abrir um mundo. Ricoeur valoriza a narrativa pelo seu poder de nos dar conta da experiência contingente dos personagens e pelo facto de estas criarem pelas suas escolhas e ações algo de inelutável. Uma obra cria as suas influências e, apesar do filósofo distinguir claramente entre ética e estética, reconhece que a arte abre novas perspetivas e horizontes à praxis. Daí a sua importância filosófica.

Maria Luísa Portocarrero

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação,
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Unidade I&D CECH

mlp600@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_54_15

Keith Ansell-Pearson. *Bergson: Thinking Beyond the Human Condition*. London: Bloomsbury Academic, 2018, 208 pp. ISBN-10: 135004394X (Kindle edition)

O mote central do livro de Keith Ansell-Pearson é a ideia desenvolvida por Bergson em seu texto de 1903, *Introdução à metafísica*, de que a filosofia deveria ser um esforço para superar a condição humana, avançando para além das percepções exteriores e adentrando, através da intuição, nos domínios do *esprit*. Quando restrita à condição humana, afirma Ansell-Pearson, a filosofia falha em apreciar o quanto somos não apenas criaturas de hábitos e automatismos, e que estamos também envolvidos numa *creative evolution of becoming* (pos. 165). Esse debate vai atravessar toda a extensão do livro, e ao longo dos capítulos esta ideia de um superar a condição humana é gradativamente associada aos temas centrais de Bergson.

Tendo isso em vista, o autor avança, no primeiro capítulo, algumas definições sobre aspectos capitais do pensamento de Bergson, tais como duração e intuição, investindo ainda na receção crítica de Kant na obra do pensador francês, bem como sua desconfiança em relação a um racionalismo levado ao extremo. No segundo capítulo, Ansell-Pearson aborda a leitura que Bergson faz do epicurismo, num texto publicado em 1884, através da análise do poema de Lucrécio *De rerum Natura*. O grande interesse aqui é sobretudo o método utilizado por Bergson para

abordar o texto, método este que já mostra sua inspiração em desvencilhar-se de criticismos vazios e de questões mal-formuladas, “badly analysed composites” (pos. 608). Seu objetivo não é o de refutar um sistema filosófico e sim o de entendê-lo: quais suas principais afirmações? Como se argumenta a favor delas? Quais são suas conquistas? Que desafios filosóficos elas apresentam para nós? (pos. 988). Cabe ainda notar que Ansell-Pearson localiza nesse texto alguns temas que serão posteriormente desenvolvidos nas obras de Bergson, como o tema da liberdade, por exemplo, bem como uma análise inicial das origens dos primeiros seres vivos (pos. 1040).

Do terceiro ao sexto capítulo, o autor segue cronologicamente as principais obras de Bergson, respectivamente *Time and Free Will* (Ensaio sobre os dados imediatos da consciência); *Matter and Memory*; *Creative Evolution* e *The Two Sources of Morality and Religion*. Em cada um dos capítulos, o autor produz uma síntese bastante competente e didática, apoiada em grande número de comentaristas que vão de William James a Frédéric Worms, passando por Merleau-Ponty, Deleuze, Levinas, Ricoeur, Hadot, Whitehead, entre outros. São também interessantes as relações feitas, sobretudo nos capítulos 4 e 5, entre o pensamento de Bergson e a ciência contemporânea, através do recurso ao pensamento de Oliver Sacks, Patrick McNamara, Robert Rosen, Mae-Wan Ho e Brian Goodwin. Sempre no sentido de salientar a atualidade do pensamento bergsoniano, o recurso a esses autores enfatiza que é em nome da atenção à complexidade da vida e aos fenômenos naturais que Bergson vem sendo alvo de interesse para muitos teóricos da biologia trabalhando em pesquisas de ponta (pos. 2273).

A crítica ao reducionismo mecanicista, outrora modelo primordial das ciências, é um elo notório entre o pensamento de Bergson e a biologia contemporânea. Se a biologia adota de forma acrítica o mecanicismo como modelo – dirigindo-se ao organismo como se fosse uma máquina, por exemplo – ela acaba por simplificar e literalmente assassinar a vida, segundo Rosen (pos. 2261). Ainda com base neste biólogo, Ansell-Pearson acrescenta que adotar a perspectiva mecanicista significa perder tudo o que seria necessário para compreender um organismo, que não se constitui de partes isoladas mas de processos em contínua transformação e interdependência.

O sétimo capítulo, *Bergson and Nietzsche on Religion: Critique, Immanence and Affirmation*, é sem dúvida o mais interessante e quiçá o mais arriscado, na medida em que busca traçar aproximações entre o pensamento de Nietzsche e de Bergson, mesmo ciente das desafios inerentes a esta tarefa. Desde o início do livro, o autor busca tais paralelos, a princípio com base no fato de ambos, Nietzsche e Bergson, terem sido críticos de Schopenhauer e especialmente de Kant. Ambos se aproximam na crítica à metafísica platônica e à moral kantiana (pos. 286). O que se opõe ao nosso desenvolvimento intelectual e crescimento? – pergunta Ansell-Pearson. De acordo com o autor, a resposta de Bergson e de

Nietzsche para essa questão é exatamente a mesma: o preconceito dos filósofos e a confiança que depositam em certezas imediatas, bem como a tendência para o dogmatismo filosófico (pos. 271).

No capítulo sete, a aproximação se dá de modo mais específico, centrada agora no tema da religião, uma vez que, para o autor, tanto Bergson quanto Nietzsche escapam ao reducionismo sociobiológico na explicação deste fato de cultura. O encontro se daria entre a “religião dinâmica” de Bergson e aquilo que Nietzsche “might term a healthy religion” (pos. 3070). Haveria, no entanto, uma dupla condição para esta abordagem da obra de Nietzsche: por um lado, seria necessário estabelecer uma diferença ao longo da leitura dos textos nietzscheanos entre religião e cristianismo, uma vez que é notória a desconfiança de Nietzsche em relação a esse credo; por outro lado, seria preciso compreender que qualquer positivação da religião em Nietzsche remeteria a uma religião da imanência, sem um Deus pessoal e sem referência à moralidade.

O autor reconhece as dificuldades dessa operação, e infelizmente não avança no detalhamento delas, embora cite algumas, como a busca, nos últimos textos de Nietzsche, por uma natureza rigorosamente desdeificada. Isso, todavia, não o impede de avançar essas hipóteses, com o intuito de colocar em evidência aquilo que seria o mais estrutural na aproximação de ambos à religião. Apesar de Bergson ver no misticismo cristão o ponto culminante de sua descrição da religião dinâmica, e de Nietzsche ter em baixa estima tanto o cristianismo quanto seus santos, ambos, Bergson e Nietzsche, “urge us to attend to those aspects of nature in which the creative becoming of life is apparent” (pos. 3096). Em ambos os autores, ainda, isto se dá por um ultrapassamento do pensamento instrumental e como um estado afetivo (alegria). “Furthermore, [it] marks life’s own self-affirmation regardless of its relationship to human thought” (pos. 3101). Ansell-Pearson salienta, também, que para ambos os autores, a renaturalização da afetividade religiosa é marcada pelos termos *energia* e *vitalidade*, os quais norteiam toda a reflexão sobre o tema.

Para além disso, ambos se encontrariam na primazia ontológica atribuída ao tempo, como eterno retorno e como duração. Caberia talvez ter-se detido um pouco mais nas proximidades e distanciamentos destes dois núcleos de força. Embora possamos pensar que tanto o eterno retorno quanto a duração desemboquem numa lógica da abertura e da diferença, bem como numa ética do *Beyond the Human Condition*, não seria de menor importância pensar se os fundamentos ontológicos, se o “aspecto cosmológico¹” dessas duas noções se alinham, e deter-se mais pormenorizadamente nas consequências de uma tal aproximação. Até que ponto a repetição seletiva do eterno retorno é condizente com a emergência do totalmente novo da duração bergsoniana? Os problemas engendrados pela

¹ Karl Lowith. Nietzsche et sa tentative de récupération du monde, in *Colloque de Royaumont* (Nietzsche. Paris: Les Éditions Minuit, 1967).

ideia de *vida intuitiva* em Bergson são os mesmos da vontade de potência, ou do super-homem? Trata-se da mesma destinação? Do mesmo endereçamento?

Ainda que Ansell-Pearson consiga demonstrar essas semelhanças entre Bergson e Nietzsche, notadamente no que diz respeito à religião, elas apontam sobretudo para uma leitura da religião que se aproxima nalguns pontos, mas não necessariamente para a proximidade entre os dois autores no que toca às noções de base de cada pensamento. Ele tampouco menciona o fato de que Bergson nutria certa desconfiança ativa em relação ao seu colega alemão, e que só o cita explicitamente uma vez em sua obra, para referir-se a um “erro de Nietzsche”².

O oitavo e último capítulo do livro enfatiza a arte da vida. Neste, Ansell-Pearson dedica-se bastante ao texto *Intuição filosófica*, e busca mostrar o quanto a ideia de educação, em Bergson (embora não se trate de um projeto educativo, salienta o autor) está intimamente ligada ao escopo todo de seu pensamento, e à ideia central de que é preciso superar o intelectualismo para se chegar, via método intuitivo, a um caminho que favoreça a “experiência interior” (pos. 3308). Educar não é apenas acumular conhecimentos, instigar e treinar a inteligência a partir dum saber enciclopédico. Pelo contrário, sem que seja necessário abrir mão desta dimensão do educar, é preciso compreender o quanto os *ready-made problems* a que nos submete a educação acabam por impedir uma formação mais integral, onde se desperte o desejo pela investigação mais do que pela coleção de saberes.

Nesse sentido, Ansell-Pearson, referindo-se à descrição que Deleuze dá ao método intuitivo, reforça a ideia de que a colocação do problema é já, por si só, um ato de aprendizagem e parte da solução. Ademais, mostra o quanto a educação deve conter em si certo germe de necessária antissocialização (pos. 3527), na medida em que “to gain access to the practice of intuition it is necessary to break with society, in particular with the subdivision and distribution of the real into concepts that society has deposited into language for the sake of the convenience of existence” (pos. 3313). Há, pois, algo de intrinsecamente subversivo na educação, quando tomada pelo prisma de uma formação para a vida intuitiva, uma vez que é preciso romper com hábitos e automatismos para se acessar tons mais profundos da melodia de si.

² Henri Bergson (1932). *Les deux sources de la morale et de la religion* (Paris: Puf, 2008), p. 296. E ainda as notas críticas a essa menção a Nietzsche, localizadas nas páginas 487 e 488 do mesmo volume. Estas notas mencionam também um texto de 1915/1933, *La philosophie française*, no qual Bergson atribui a Guyau a primazia sobre uma leitura do ideal moral como sendo “la plus haute expansion possible de la vie” (Henri Bergson. *Mélanges* (Paris: PUF, 1972), p. 1180). Como afirma a nota crítica, Bergson busca se diferenciar de Nietzsche enfatizando que a leitura deste é marcada pela desmedida, mas é importante também notar que há um acordo de fundo, que vai no sentido da exposição de Ansell-Pearson, no ato de aquiescer que o ideal moral é, de fato, a mais alta expansão possível da vida, como está implícito na ideia da religião dinâmica.

Por se tratar em grande parte de uma coletânea de antigos artigos do autor sobre o pensamento de Bergson, o livro peca um pouco no quesito da coesão, muito embora seja possível identificar um fio condutor que une um ao outro os sucessivos capítulos. A ideia de um “pensar para além da condição humana” é sem dúvida unificadora do texto, e enfatiza com precisão a atualidade da obra de Bergson, seja para se abordar a ciência contemporânea, seja para pensarmos o *duplo-frenesi* inerente ao curso da condição humana. Como diria Bergson, é preciso um *supplément d’âme* para que se possa avançar, a crer que isto seja de fato possível, no sentido da “self-possession and highest possible freedom” (pos. 2298).

Rodrigo Barros Gewehr

Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Alagoas
Maceio/Brasil

rodrigo.gewehr@ip.ufal.br.

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_54_16

Antoine Louis Claude Destutt de Tracy, *Ideenlehre im eigentlichen Sinne (Idéologie proprement dite)*, Band I, Auf der Grundlage der Übersetzung aus dem Französischen von Claus Sonnenschein-Werner, Herausgegeben, eingeleitet und annotiert von Hans Jörg Sandkühler, Stuttgart (Bad Cannstatt): frommann-holzboog, 2016, 318 páginas, ISBN 978-3-7728-2731-0.

Os *Eléments d'idéologie* (1801-1815), de Antoine Louis Claude Destutt de Tracy, são, ainda hoje, escritos pouco difundidos e estudados pelo universo acadêmico mundial. Uma das razões que, desde a sua publicação, contribuíram para tal, reside na carência de traduções da obra nas principais línguas de divulgação científica. A editora alemã “frommann-holzboog” intenta, agora, com a reedição dos seus quatro volumes, dar a conhecer aos leitores alemães a *magnum opus* de Destutt de Tracy. Como se pode ler no último parágrafo da introdução ao primeiro volume, pretende o editor, Hans Jörg Sandkühler, renovar, junto do público alemão, o interesse pela obra do pensador francês, já que esta se constituiu, na história do pensamento filosófico ocidental, como verdadeira alternativa ao idealismo alemão, nomeadamente no que à sua teoria do conhecimento diz respeito.

Fortemente inspirado pela epistemologia sensualista de Étienne Bonnot de Condillac e John Locke, pretendeu Destutt de Tracy fazer da “ideologia” um programa reformador e liberal do conhecimento e do ensino dos saberes, no qual convergem, de forma assaz simétrica, quer as representações quer as sensações que animam as faculdades intelectuais humanas. Num primeiro momento, a “ideologia” pode ser vista como uma tentativa de inscrever, no contexto institucional francês, uma abordagem não teológica à articulação dos saberes, apoiando-se,